

A construção da identidade docente permeada pelo uso das mídias digitais

Cláudio Luiz da Silva Oliveira

Resumo: Este trabalho tem por finalidade analisar o perfil do profissional da educação no que se refere à construção da identidade docente por meio da prática pedagógica apoiada no uso das mídias digitais. Com o advento da globalização os recursos tecnológicos se expandiram e permitiram o avanço no que se refere ao uso das mídias como suporte pedagógico para os profissionais da educação. Para isso, se utilizou como metodologia a revisão bibliográfica discutida no âmbito do curso de pós graduação em Letras – Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, tendo como base teórica estudiosos como Bauman (2005), Hall (2005), Cardoso (2002), Jesús Martín-Barbero (2006), entre outros. Chega-se a conclusão que a construção identitária docente por meio do uso das mídias digitais é sim uma construção permeada por meio da evolução tecnológica e da globalização, e que esses novos profissionais alcançam êxito no que se refere aos objetivos de suas aulas com mais facilidade por se aproximarem da realidade de seus alunos, esses conectados ativamente na evolução da tecnologia.

Palavras-chave: Educação; Mídias Digitais; Identidade Docente.

Resumen: La finalidad de este trabajo es analizar el perfil de los profesionales de educación a lo que se refiere a la construcción de la identidad docente por medio de la práctica pedagógica apoyada en el uso de las mídias digitales. Con el avance de la globalización los recursos tecnológicos se expandieron y permitieron el avance a lo que se refiere a el uso de las midias como soporte pedagógico para los profesionales de la educación. Para eso, se utilizará como metodología la revisión bibliográfica discutida en el ámbito del curso de post grado en Letras – Lenguaje e Identidad de la Universidad Federal de Acre, tomando como base teórica estudiosos como Bauman (2005), Hall (2005), Cardoso (2002), Jesús Martín-Barbero (2006), entre otros. Se llega a la conclusión que la construcción identitaria docente por medio del uso de las mídias digitales es sí una construcción permeada por medio de la evolución tecnológica y de la globalización, y que eses nuevos profesionales alcancen éxito a lo que se refiere a los objetivos de sus clases con más facilidad por se acercaren de la realidad de sus alumnos, estes conectados activamente en la evolución de la tecnología.

Palabras-llave: Educación; Mídias Digitales; Identidad Docente.

INTRODUÇÃO

Percebe-se claramente que, ao longo do tempo, as características da sociedade humana têm sofrido uma alteração significativa. Isso se deve especificamente à influência da globalização num lugar antes tido como imutável, sólido e com um rizoma impossível de sofrer alterações, assim como o conceito de sujeito indivisível. É inegável o fato de que estamos diante de uma mutação devido a transformações na época em que vivemos, mudanças essas observadas desde o início da revolução industrial, em que máquinas passaram a substituir a mão de obra humana, fazendo com que esse homem devesse buscar outras formas de sobrevivência, uma delas seria dominando a máquina criada para substituí-lo.

Por esse motivo, a identidade do indivíduo passa por transformações constantes, pois há uma preocupação a todo momento em ser aceito. Essas mudanças ocorrem devido ao fator da multiplicação de referentes, conforme afirma Martín-Barbero (2006) “desde aqueles com os quais o sujeito se identifica enquanto tal, pois o descentramento não o é só da sociedade, mas também dos indivíduos, que agora vivem uma integração parcial e precária de múltiplas dimensões que os conformam.” Nesse sentido, conclui-se que o indivíduo já não é mais indivisível, pois dentro dele há influências de vários referentes.

As tecnologias vieram com uma grande influência no modo de viver do ser humano. Na maioria das situações elas vieram como generosas fontes de ajuda para a sobrevivência do novo modo de vida. Porém, em alguns casos, elas fazem com que a humanidade perca muito de si e da sua essência. As fronteiras, antes tão necessárias para evitar as invasões e violações culturais, hoje já não existem mais. Há uma interconexão a nível mundial entre empresas, instituições e indivíduos, levando as pessoas a incluírem ou excluírem aquilo que acham necessário. Isso é causado pelo sentimento de impotência mediante a exposição dada à queda das fronteiras, levando a perda do controle da própria vida.

A formação docente também sofre influências com essa evolução. O professor, antes com características de educador como mero transmissor de mensagens, perde o foco na educação. Quem aparece é o aluno, o fator essencial no processo educativo. Assim, o professor altera suas metodologias de forma que coloque em evidência a

construção do conhecimento do aluno por ele mesmo, enquanto o docente se torna apenas um “mediador” nesse processo. Observa-se, portanto, que o profissional da educação sofre uma mudança no que tange sua prática pedagógica para favorecer o ensino.

O advento da internet, a evolução da tecnologia e a globalização mudaram a organização em vários setores (saúde, meio ambiente, educação, segurança...). Além dos setores públicos e privados, a sociedade também recebeu os impactos dessa evolução. Jovens antes preocupados em ler livros, praticar atividades físicas e sair com os amigos, hoje se tornam inteiramente dependentes das tecnologias, e isso influencia no âmbito escolar também. Sendo assim, professores da tida “nova geração” percebem a necessidade de se “transformar” para acompanhar esse processo. Já para os que estão se formando nesse período, já se torna algo intrínseco à eles, pois a maioria dos cursos de graduação já oferecem disciplinas voltadas para o uso das tecnologias na educação escolar.

Mediante tudo isso, verifica-se que a classe docente está passando por um processo de readaptação no que tange os princípios norteadores da prática pedagógica para que possam inserir em suas aulas as mídias digitais. Dessa forma, a identidade docente se molda às necessidades contemporâneas e se transforma.

Procura-se, neste trabalho, fazer essa discussão em três tópicos. O primeiro tem por objetivo aclarar a ideia de “identidade” construída por alguns teóricos, afirmando que a identidade não é estável e está passível de mudanças e adaptações de acordo com as necessidades emergentes. O segundo tratará a reflexão de que na atual conjuntura em que nos encontramos, é totalmente inaceitável métodos de ensino “arcaicos”, que colocam o foco no professor como um mero transmissor do conhecimento, enquanto o aluno se transforma em um receptor de conteúdos que muitas vezes não se sabe onde utilizará o que lhe foi passado. E o terceiro tratará a evolução das tecnologias com o “boom” da globalização, concomitantemente fazendo um paralelo com a educação e as necessidades do alunado, que é o foco do processo educacional.

1. Identidades: O declínio da estabilidade

A busca pela identidade se tornou um dos assuntos mais discutidos na contemporaneidade. Isso ocorre pela necessidade constante de aceitação na sociedade na qual o indivíduo se sente pertencente, baseada em conceitos pré-estabelecidos de reconhecimento e *status* social. O ser reconhecido por suas características próprias e ser aceito é um objetivo indiscutível. Para Bauman (2005, p. 16)

as pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante de uma tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”, pois essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que poderão ser presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude...

Assim, pode-se afirmar que a constante na identidade é impossível, pois ela muda e o indivíduo não é indivisível, pois está passivo à absorção dos referentes sociais com os quais ele se identifica, tendo em vista a necessidade constante de aceitação social.

Não podemos mais associar identidade com raízes, remetendo à ideia de costumes e territórios, além de uma memória simbólica densa. Hoje, a identidade está associada à mutação, migração, mobilidade, redes e fluxos que permite o ir e vir rápido, constante e com muita fluidez, conforme explicita Martin-Barbero (2006, p. 61):

Até pouco tempo, falar de identidade era falar de raízes, isto é, de costumes e território, de tempo longo e de memória simbolicamente densa. Disso e somente disso estava feita a identidade. Mas falar de identidade hoje implica também – se não quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente. – Falar de migrações e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e fluidez. Antropólogos ingleses expressaram essa nova conformação das identidades através da esplêndida imagem das *moving roots*, raízes móveis, ou melhor, de raízes em movimento. No imaginário substancialista e dualista que ainda permeia a antropologia, a sociologia e até a história, essa metáfora será inaceitável, e, no entanto, nela se vislumbram algumas realidades mais fecundantes desconcertantes do mundo que habitamos: que, como afirma o antropólogo catalão Eduard Delgado, “sem raízes não se pode viver, mas muitas raízes nos impedem de caminhar.”

Portanto, pode-se destacar que a identidade está relacionada ao sentido de pertencimento. O indivíduo buscará sua identidade como meio de sobrevivência ao lugar ao qual se acha pertencente. Porém, conforme afirma Bauman (2005, p. 17) o “pertencimento” e a “identidade” não têm solidez de uma rocha. Isso quer dizer que o

indivíduo sempre estará à procura do seu lugar de pertencimento e, conseqüentemente, sua identidade.

A sociedade espera a autodefinição, a solidificação da identidade para que o indivíduo não se sinta deslocado do seu “habitat natural”, pois dessa forma saberá seu local da cultura e sentirá o pertencimento cultural. Se o sujeito não se encontrar, ficará “deslocado”, sem saber que rumo seguir, pois não se sentirá parte de lugar algum.

Assim que as três grandes instituições da modernidade – trabalho, política e escola - entram em crise, fica notório a “crise identitária”, pois fica claro o fator do deslocamento, em que a base se desfaz, se fragmenta, fazendo com que o indivíduo se fragmente também, pois não há mais a segurança da fonte do sentido coletivo da vida.

Outra questão relativa à construção da identidade, diz respeito à diversidade cultural. Conforme Martin-Barbero (2006, p. 61), “a diversidade cultural se faz interculturalidade nos territórios e nas memórias, mas também nas redes a diversidade resiste, enfrenta e interage com a globalização, e acabará por transformá-la”. Dessa forma, destaca-se a necessidade do indivíduo em explorar a cultura “do outro”, já que a globalização permite tal feito. Quando ocorre a identificação do que não lhe pertence, dá-se, portanto, a miscigenação cultural, na qual a pessoa toma para si características que não são pertencentes ao seu lugar de origem.

Para Hall ,

A crise da identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam uma ancoragem estável ao mundo social. (HALL, 2005, p. 07)

Assim, podemos perceber que a estabilidade já não existe mais. A formação identitária se dá a partir de processos de construção a partir da mudança e do deslocamento das estruturas formais na sociedade moderna.

Essa construção também é muito marcada pela diferença. O que define o ser é a diferença com o outro. Sempre se busca por meio de comparações as diferenças no outro para que o eu possa ser construído. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” (WOODWARD, 2005, p. 39). Portanto, “assim como a

identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2005, p.75).

2. Identidade docente: Arcaísmo tradicional?

Em uma era em que a globalização se expandiu consideravelmente, é possível afirmar que ainda existem professores que trabalham com a tradicionalidade na sala de aula?

Inicialmente, podemos definir o tradicional

Quando se referem a métodos, a regras antigas, habituais; quando são conformistas, conservadoras, agarradas a processos que procedem, implícita ou explicitamente, de princípios que postulam a necessidade de uma disciplina dependente da única autoridade do professor, de um ensino que consiste essencialmente nas lições e exposições magistrais, na pura transmissão de conhecimentos, sem apelo à actividade própria do aluno. (LEIF *apud* CARDOSO, 2002, p. 11)

Sabemos que a transmissão do conhecimento não se dá, exclusivamente, ao ensino dado na sala com aulas expositivas dos docentes. Essa transmissão, hoje, ocorre de maneiras diversificadas, e cabe ao professor saber como fazer isso.

Para Cardoso (2002) a falência do ensino básico e superior, assim como o arcaísmo das instituições escolares, permitiram o ganho da força de axiomas (verdades tidas como universalmente incontestáveis). Isso leva a crer que as mudanças são necessidades emergentes e que precisam ser feitas.

Estudos do sistema educacional brasileiro o marcam com expressões tradicionalistas como: “ensino verbalista, “escola que não prepara para a vida”, “rigidez curricular”, “ensino acadêmico”, “inadequação do sistema educacional à nova ordem econômica e social emergente” (CARDOSO, 2002, p. 12). O que se quer que marque, na atualidade, o sistema educacional brasileiro, são expressões como: “ensino integrado”, “flexibilidade curricular”, “ensino prático”, “integração da escola na comunidade”, etc (CARDOSO, 2002, p. 12). Esses contrapontos que podem ser visualizados pelas expressões mostram como o ensino tem se modificado e ainda carece de mudanças.

O tradicional não se aplica mais ao ensino na atualidade. Isso é uma crítica sim ao ensino tradicionalista em que o professor é o único detentor do conhecimento, que

possui a verdade incontestável e que não pode, nunca, ser questionado. O conhecimento é de livre acesso hoje. Podemos acessar informações dos lugares mais longínquos possíveis, bastando apenas um toque na tela do celular ou um clique pelo computador.

Não menosprezamos, de forma alguma, a presença do professor na sala de aula. É de extrema importância que haja um “condutor”, um “direcionador” que oriente os alunos aos caminhos que devem seguir. No entanto, esse caminho não pode ser mais aquele em que o professor fala e o aluno somente escuta, absorvendo as informações dadas como uma esponja. Ensinar é muito mais que isso. É mostrar na prática o que deve ser feito, para onde ir e qual o melhor caminho para se chegar.

Para isso, práticas pedagógicas voltadas para o ensino integrado de alunos ao processo de ensino e aprendizagem é de suma importância para o seu desenvolvimento. Vemos em escolas de ensino público o estado deplorável em que se encontram, mas que muitas vezes obtém resultados incríveis, pois possui em seu quadro profissionais extremamente comprometidos com a educação e que encontram métodos eficazes de ensino, capazes de transformar a realidade. Cardoso apresenta reportagens publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* que comprovam essa afirmação:

a moçada da primeira série do segundo grau do colégio Catarinense, o mais tradicional de Florianópolis (SC) está aprendendo biologia na base do rock. Há também reggae, rap, pop, mas o rock é o preferido dos 550 alunos que participam das sessões didático-musicais. [...] A ideia de aulas anticonvencionais, segundo o professor Mário César Sedrez, 31, surgiu entre os professores de biologia que discutiam formas de motivar a participação nas aulas. Quem sabe tocar, leva o instrumento. Quando guitarra e baterias se encontram, ninguém para de dançar. (CARDOSO, 2002, p.15)

Métodos eficazes como esse é uma prova que o ensino tradicional, baseado em uma tradição conteudista centrada no professor, onde o sistema avaliativo é embasado na quantidade de informações absorvidas pelo aluno, não é eficaz e distancia o alunado da sua realidade, permeado de informações rápidas, máquinas velozes e que permitem a comunicação instantânea com o mundo todo.

Os pais também estão conscientes dessa mudança e buscam o melhor para os seus filhos.

Mudei minhas filhas de colégio porque, no método conservador, elas não estavam desenvolvendo muito. Agora, estudam em um colégio construtivista, que reúne o perfil que eu quero para o seu futuro:

mexem no computador, usam internet, estão se adaptando à globalização. (Tânia Regina, 39, mãe de Renata 9 e Laura, 7. Sordili & Blanco, FSP, 12 out. 1997 *apud* CARDOSO, 2002, p.18)

A globalização é um fator primordial para que essa mudança ocorra. Temos ao nosso alcance hoje uma infinidade de ferramentas que podem ser aplicadas ao ensino nas mais diversas áreas do conhecimento. A acomodação do docente em não se apropriar dessas ferramentas não pode mais ocorrer. O sistema educacional deve estar preparado para lidar com isso e disponibilizar as ferramentas necessárias para que os professores se apropriem delas, pois “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que a pessoa usa” (Woodward, 2005, p.10). Ou seja, se o professor se apropriar de recursos tecnológicos para utilizar em sua prática pedagógica, automaticamente estará se identificando com o mundo global e real, que é o que estamos vivendo.

3. Identidade docente e tecnologias: A globalização como fator primordial

Podemos iniciar este tópico tratando do termo “hipertecnologização”. Em uma era em que os recursos tecnológicos estão cada vez mais avançados, podemos dizer que este termo se refere a esse “hiper” avanço em todas as esferas da sociedade, seja ela econômica, cultural, social e educacional, essa última sendo o foco aqui.

Com tanta tecnologia disponível, afirmamos que não estamos somente na sociedade do conhecimento, mas também da aprendizagem. A todo momento aprendemos coisas novas e nos reconstruímos. Nossas concepções são influenciadas diretamente pela evolução tecnológica. Portanto, a colaboração passa a ser a tônica fundamental para os aprendizes do século XXI, também conhecida como “era do letramento digital”.

O impacto direto da era do letramento digital se dá na sociedade, e dentro da sociedade estão as instituições de ensino em que estão os professores. O que nos interessa mais são as formas de aprendizagem utilizadas por esses professores. A era do letramento digital exige do docente um estado permanente de monitoramento reflexivo da sua ação.

Gomes (et. al.) afirma que

O ensino mediado por tecnologias passa por um momento paradoxal. Por um lado, observamos uma abundante oferta de tecnologias para

alunos e professores; muitas delas bastante acessíveis e fáceis de usar. Em oposição, percebemos dificuldades para promover mudanças em práticas educativas seculares. (GOMES et. al., 2015, p. 23)

Assim, o docente precisa constantemente pesquisar a sua turma e se autopesquisar. A pesquisa é o ato do professor pesquisar o seu espaço de atuação e autoavaliar-se. Portanto, é uma avaliação da própria prática para o exercício profissional.

A identidade docente na era digital deve alinhar-se a sua prática docentes às novas demandas permanentemente. Essas novas demandas compreendem as do letramento digital. Ele precisa pensar em ser um professor inovador, rompendo com a forma conservadora de ensinar, de impor e de avaliar. Esse novo profissional busca reconfigurar saberes para superar dicotomias, também buscando alternativas de ações que aglutinem teoria e prática, articulando os processos de aprendizagem.

Na configuração deste novo cenário o professor não é mais o centro do conhecimento, pois o aluno já chega na sala de aula com uma bagagem de informações ampla. Sendo assim, o novo docente é inovador, um fomentador de utopias e emancipação dos aprendizes.

A acomodação não pode fazer parte da vida profissional docente. Laboratórios de informática sem uso nas escolas levam a crer que há um problema implícito.

O fato de tais laboratórios estarem inseridos as escolas há mais de duas décadas e ainda não terem sido incorporados à prática docente pode estar associado a complexidade de seu uso, mas também à carência ad formação do professor. Organizar e ministrar aulas usando tecnologia computacional é mais complexo do que realizar aulas expositivas em salas com livros, cadernos e quadro. A efetividade por ser facilmente questionada pois exige mais esforço para que os resultados apareçam. Ocorre que muito do esforço para ensinar com tecnologias pode estar centrado em tarefas para lidar com essas mesmas tecnologias e apenas pouco contribui diretamente à aprendizagem. A consciência desses aspectos deveria ser construída em formações docentes. (GOMES et. al., 2015, p. 29)

Nesse sentido, podemos afirmar que o professor muitas vezes se acomoda em aulas expositivas porque é mais fácil e cômodo para ele. No entanto, “uma aula deve ser uma experiência prazerosa. Para o aluno, sobretudo, mas especialmente para o professor.” (GOMES et. al., 2015, p.30)

Considerações Finais

Em suma, podemos afirmar que a construção da identidade do novo profissional docente é permeado pelo uso das tecnologias. A escola deve ser um espaço integrado com as mídias, em que professor e aluno se integrem para a construção do conhecimento.

No primeiro tópico, tratamos sobre a concepção de que a (as) identidade (es) não são fixas. Está em um processo constante de (re) construção que está ligada diretamente a queda das fronteiras e o acesso à informação por meio das tecnologias.

Sequencialmente, abordamos sobre o arcaísmo do tradicionalismo, em que defendemos a ideia de que as práticas pedagógicas tradicionais não são mais aplicáveis a nova realidade que vivemos, pois o sistema educacional assim como o perfil dos alunos se modificaram e exigem uma nova configuração das ações pedagógicas.

Por último, refletimos sobre a era do letramento digital e a hipertecnologização. Discutimos que o professor atual deve ser inovador, sempre buscando se atualizar e usar novas estratégias de ensino, enfocando o aluno no processo de aprendizagem, conduzindo-o para a autoaprendizagem. Para isso, a tecnologia entra como uma ferramenta essencial e muito promissória.

Concluimos que a identidade docente é reconfigurada constantemente em sua atuação na sala de aula, e que esses profissionais devem buscar sempre a inovação, assumindo a responsabilidade de gerar novas competências, para que seus alunos sejam capazes de enfrentar o futuro permeado de constantes transformações. Utilizando as palavras de Paulo Freire, “ Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Joege Zahar ed., 2005.

CORDEIRO, Jaime Francisco Parreira. **Falas do novo, figuras da tradição**: o novo e o tradicional na educação brasileira (anos 70 e 80). São Paulo, editora UNESP, 2002.

GOMES, A. S. et. al. **Cultura digital na escola**: habilidades, experiências e novas práticas. Recife: Pipa comunicação, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DPA, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.